



Amazônia

Contrastes e perspectivas

Charles Pennaforte

Pós-graduado pela Facultad de Geografía da Universidad de La Habana, Cuba.
Especialista em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Diretor do Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais (Cenegri).

Conforme a Nova Ortografia

Copyright © Charles Pennaforte, 2006

SARAIVA EDUCAÇÃO S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pennaforte, Charles
Amazônia : contrastes e perspectivas / Charles Pennaforte. — São Paulo : Atual, 2006. — (Geografia Sem Fronteiras)

Inclui suplemento de atividades.
Bibliografia.
ISBN 978-85-357-0636-9

1. Amazônia — Condições econômicas 2. Amazônia — Geografia
3. Amazônia — História I. Título. II. Série.

05-8859

CDD-372.8918

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Geografia : Ensino fundamental 372.8918

Coleção Geografia Sem Fronteiras
Amazônia: contrastes e perspectivas

Editor

Henrique Félix

Assistente editorial

Valéria Franco Jacintho

Revisão

Pedro Cunha Jr. (coord.)/Renato Colombo Jr./Célia Camargo/Debora Missias

Elza Gasparotto/Fernanda Marcelino

Pesquisa iconográfica

Cristina Akisino (coord.)/Adriana Abrão/Emerson C. Santos

Edição de texto

Vitória Rodrigues e Silva

Gerente de arte

Nair de Medeiros Barbosa

Supervisor de arte

José Maria de Oliveira

Assistente de produção

Grace Alves

Diagramação

MZolezi

Projeto gráfico

Tereza Yamashita

Imagem de capa

Vista aérea da rodovia Porto Velho–Rio Branco

Paulo Fridman/Corbis/Stock Photos

Ilustrações e mapas

Selma Caparroz

Coordenação eletrônica

Silvia Regina E. Almeida

Todas as citações de textos contidas neste livro estão de acordo com a legislação, tendo por fim único e exclusivo o ensino. Caso exista algum texto a respeito do qual seja necessária a inclusão de informação adicional, ficamos à disposição para o contato pertinente. Do mesmo modo, fizemos todos os esforços para identificar e localizar os titulares dos direitos sobre as imagens publicadas e estamos à disposição para suprir eventual omissão de crédito em futuras edições.

9ª tiragem, 2017

CL: 810606

CAE: 602424

Arquivo pessoal



**Para Érica, minha
inspiração.**

A Chico Mendes.

**Gostaria de agradecer às
importantes críticas e
sugestões de Vitória
Rodrigues e Silva e de
Henrique Félix.**

**Agradeço também
a Cláudio Gomes Velloso
e ao professor
Lucivânio Jatobá**

Charles Pennaforte nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1968. Pós-graduado pela Facultad de Geografía da Universidad de La Habana (Cuba) e especialista em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor com dezessete anos de experiência no ensino fundamental, médio e pré-vestibular, atua nos principais colégios particulares e na rede pública de ensino do Rio de Janeiro, além de ministrar cursos de extensão em várias universidades cariocas. Além de ser membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros (Seção Local Bauru/SP) e da Equipe de Ensino Infantojuvenil (EEIJ) da Secretaria Municipal de Duque de Caxias (RJ), é diretor do Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais (Cenegri). Já publicou os livros *Globalização: a nova dinâmica mundial*, *Depois do Muro: o mundo pós-Guerra Fria* (pela editora Ao Livro Técnico), *América Latina e o neoliberalismo: Argentina, Chile e México* e *Fragmentação e resistência: o Brasil e o mundo no século XXI* (pela editora E-Papers).

Sumário



INTRODUÇÃO...5

FORMAS DE OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA

- Dividindo o desconhecido...6
 - Os primeiros habitantes...8
- A borracha e a intensificação do processo de ocupação...10
 - De 1930 até os dias de hoje...11



NATUREZA E SOCIEDADE

- Conhecendo a floresta Amazônica...19
 - A biodiversidade...21
- O clima e o relevo amazônico...23
 - Hidrografia...25
- A degradação ambiental...27
- Amazônia: um terreno muito antigo...29



O ESPAÇO AMAZÔNICO: POPULAÇÃO, CRESCIMENTO URBANO E DESENVOLVIMENTO

- Crescimento demográfico...32
 - A questão da terra...34
- Os índios: as principais vítimas...35
- Recursos naturais e exploração econômica...37
 - Desenvolvimento em benefício de todos...39
 - Cultura local × cultura de massas...42

OS VÁRIOS ELOS DE UMA CORRENTE...45

PARA SABER MAIS...47

BIBLIOGRAFIA...48

INTRODUÇÃO



Brasil é uma terra de contrastes. Muitos de nós já ouviram essa frase alguma vez. Ela resume bem alguns aspectos de nosso país: um lugar onde, por exemplo, há a maior floresta do mundo (a Amazônica) e no qual se localiza uma das maiores cidades do planeta (São Paulo); onde milhões de pobres e miseráveis convivem lado a lado com o luxo e o desperdício de uma minoria muito rica.

Este livro discute alguns dos principais contrastes econômicos e sociais verificados em nosso país, mais especificamente na Amazônia.

Refletir sobre a Amazônia significa colocar em discussão um extenso território sul-americano. Trata-se da maior floresta equatorial do planeta, que ocupa um total de 6,5 milhões de quilômetros quadrados: abrange boa parte do território brasileiro, estende-se por Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa.

Desde as últimas décadas do século XX, a floresta Amazônica vem sendo degradada constantemente pelo desmatamento praticado por madeireiras, mineradoras, latifundiários e em razão da implantação de novas indústrias. As denúncias sobre a sua destruição encontram o apoio de pessoas de diversos países, o que pode contribuir para a preservação da floresta. Porém, é responsabilidade dos brasileiros criar condições de aproveitamento dos recursos da floresta que tragam benefícios para toda a sociedade.

No Brasil, a preocupação efetiva com as consequências negativas da exploração acelerada e descontrolada da região amazônica começou a ganhar espaço nas discussões em geral nos anos 1980, uma década depois que começou a se intensificar a ocupação desse território, o que atraiu para lá grandes contingentes populacionais. Hoje, um dos grandes desafios do nosso país é explorar economicamente a região sem destruí-la. O objetivo deste livro é colaborar para que o leitor conheça essa questão e possa formar uma opinião sobre ela.



Fonte: Y. Lacoste, Atlas 2000: la France et le monde, Paris: Nathan, 1994.

1



FORMAS DE OCUPAÇÃO DA AMAZÔNIA

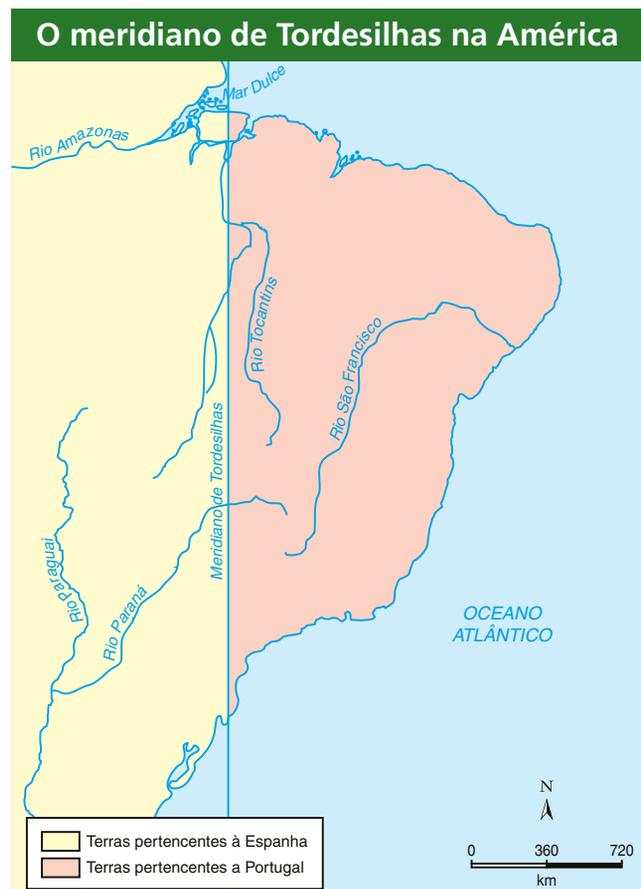


Afirmamos que os problemas da Amazônia brasileira se agravaram quando sua ocupação e exploração se tornaram mais intensas, o que ocorreu a partir dos anos 1980. Embora essas questões aparentem ser relativamente recentes, se levarmos em conta o período de formação do Brasil (tendo como ponto de partida o início da colonização do território pelos portugueses, no século XVI), para compreendermos os porquês da atual situação da Amazônia, e conseqüentemente da região Norte, é fundamental voltarmos no tempo, a fim de discutirmos as formas de ocupação desse território.

• Dividindo o desconhecido

No século XV, em 1494, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas, segundo o qual os dois países dividiam entre si as terras que haviam sido “descobertas” cerca de dois anos antes por Cristóvão Colombo. Nenhum europeu sabia ao certo como eram essas terras e qual a sua extensão. O tratado apenas estabelecia uma linha imaginária dividindo os domínios de um e de outro reino. De acordo com o que ficava estabelecido no documento, as terras amazônicas pertenciam ao rei da Espanha, conforme podemos observar no mapa ao lado.

Ao longo do século XVI, a não ser por algumas expedições isoladas, a presença de europeus na Amazônia foi pouco verificada. No início do século XVII,



Adaptado de: J. J. de A. Arruda. *Atlas histórico básico*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

porém, foram construídos vários fortins (pequenos fortes) em áreas próximas à foz do rio, para evitar a entrada de embarcações estrangeiras. As construções desses fortes tinham a finalidade de facilitar o povoamento da região, constituindo, portanto, uma estratégia de ocupação.

Quanto mais portugueses estivessem presentes na região, mais fácil seria expulsar os forasteiros. Foi em torno de um desses fortes, o Forte do Presépio, construído em 1616, que começou a se formar a atual cidade de Belém.

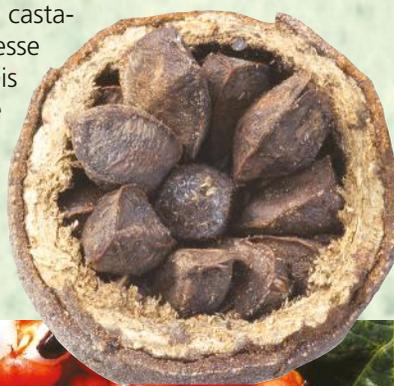
Ao mesmo tempo, a exploração das chamadas “drogas do sertão” — cravo, canela, cacau, baunilha, salsaparrilha, anil, urucu, etc. — ganhava um grande impulso, levando os portugueses cada vez mais para o interior da Amazônia.

“Drogas do sertão”

Nos séculos XVI e XVII, especiarias como cravo, baunilha, canela, gengibre eram muito apreciadas na Europa. Com a perda do monopólio das especiarias das Índias para outros comerciantes, os portugueses procuraram suprir o mercado europeu com os produtos brasileiros. Todos esses produtos passaram a ser denominados “drogas do sertão”.

A procura pelas “drogas” levou os colonizadores ao interior do Brasil, transferindo a posse dos territórios espanhóis (segundo o Tratado de Tordesilhas) para os portugueses. Enquanto tal processo se desenrolava, os jesuítas que para cá vieram notaram que os índios utilizavam várias plantas como, por exemplo, o guaraná, o cacau e a castanha-do-pará com finalidade medicinal e passaram a adotar esse procedimento. Com a descoberta de atividades mais rentáveis na colônia, as “drogas do sertão” perderam gradativamente importância.

Depois de vários séculos, porém, elas ainda estão presentes em nosso dia a dia. Vários laboratórios farmacêuticos colocam à venda, por exemplo, o guaraná como uma bebida energética.



Fabio Colombini/kino.com.br

Dellim Martins/Pulsar



Fabio Colombini

Algumas “drogas do sertão”: cacau, castanha-do-pará e guaraná.

Nessa época, os espanhóis extraíam grande quantidade de prata dos territórios que hoje fazem parte do Peru e da Bolívia. Em busca de minas, muitos aventureiros procuraram chegar ao coração da Amazônia, navegando pelo rio Amazonas. Seguindo essa